

DA SEMIÓTICA AO TEA: UMA LEITURA SEMIÓTICA DE CHARGE PRODUZIDA POR IA

Fernanda Gonçalves Ramos¹

Universidade Federal de Minas Gerais¹; Faculdade de Letras²; fernandagoncalvesramos17@gmail.com.

Resumo: Este artigo analisa, sob a perspectiva da semiótica discursiva, uma charge produzida com auxílio de inteligência artificial, cujo foco é a representação histórica e contemporânea do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A imagem apresenta dois quadros temporais: um passado marcado pela exclusão manicomial e um presente tensionado pelo discurso de banalização diagnóstica. A análise busca demonstrar como os elementos visuais e linguísticos da charge articulam uma crítica à construção social da verdade sobre o TEA, explorando os jogos de parecer versus ser. Ao expor os regimes de veridicção associados ao autismo, a charge evidencia os efeitos simbólicos da ignorância e da deslegitimação.

Palavras-chave: Semiótica, TEA, Charge, Veridicção, Representação social.

1. A charge como recurso semiótico

A análise de charges como artefatos discursivos requer abordagem que reconheça seus recursos visuais como portadores de significados ideológicos e históricos. A semiótica discursiva greimasiana destaca-se nessa leitura crítica, pois estuda "as condições de apreensão e produção do sentido", buscando compreender "o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz" (Greimas e Courtés, 2008). Este foco é crucial para interpretar imagens sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Central é o conceito de **contrato de veridicção** (Barros, 2009, seguindo Greimas e Courtés), onde o enunciador "escolhe um regime de veridicção e procura fazer seu destinatário interpretar o discurso segundo o contrato veridictório". Trata-se de estruturar um "dizer-verdadeiro" autônomo, baseado em concordância tácita entre emissor e receptor. Visualmente, a imagem age como **dispositivo veridictório**, construindo seu próprio texto.

A charge analisada ("Da Semiótica ao TEA: Autismo Ontem e Hoje") opera como contrato de veridicção visual, tensionando dois regimes de verdade históricos: a

invisibilização passada sob rótulos depreciativos e a banalização presente ironizada como "modismo". Essa inversão configura um jogo de *parecer versus ser*, ocultando o "ser" legítimo do TEA. Isso reforça que a verdade é contingente e historicamente construída – não um dado fixo –, e que compreender o TEA implica mapear regimes discursivos (Barros, 2009).

Outros autores ampliam esta crítica: Hall (2006) define denotação/conotação como esferas ideológicas, onde códigos visuais são terrenos de significados disputados, sujeitos a valores dominantes e abrindo espaço para leituras hegemônicas ou opositoras. Lotman (Escola de Tartu-Moscou) vê a cultura como sistema sígnico, onde textos visuais são pontos nodais de memória coletiva – a charge, ao evocar passado manicomial e banalização presente, tensiona narrativas hegemônicas.

2. Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, fundamentada na semiótica discursiva de matriz greimasiana. Conforme Greimas e Courtés (2008), o sentido é concebido como resultado de articulações estruturais e socioideológicas, produzidas por operações discursivas que mobilizam sujeitos, valores e regimes de verdade.

A análise incide sobre uma charge gerada por inteligência artificial (GPT-4o, OpenAI) em 10 de maio de 2025, com base em comandos que orientaram sua construção visual: divisão temporal entre “Antes” e “Hoje”, oposição temática (manicômio e discurso atual sobre autismo), e contrastes cromáticos e gráficos (tons sépia vs. azulados, tipografia em caixa alta, balões de fala, grades).

Parte-se da premissa de que a imagem constitui um enunciado discursivo intencional, com estrutura narrativa e regime de veridicção próprio (Greimas, 1978; Barros, 2022), permitindo a construção de sentidos que tensionam representações históricas e atuais do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A metodologia compreende três etapas: (i) descrição técnico-comunicacional da imagem; (ii) enquadramento teórico-conceitual com foco em verificação e construção de sentido visual; e (iii) análise interpretativa da imagem como discurso situado.

Por fim, reconhece-se o caráter híbrido da autoria na criação da imagem. Segundo Santaella (2021), a mediação tecnocognitiva desloca a autoria para uma lógica de curadoria discursiva, articulando intenção humana, mediação algorítmica e leitura crítica.

3. Análise

A charge “Da Semiótica ao TEA: Autismo Ontem e Hoje” (figura 1) configura-se como um artefato discursivo visual que contrapõe enunciados temporais — “ANTES” e “HOJE” — para questionar os modos históricos e atuais de nomeação e representação social do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através da articulação de signos visuais e verbais, constrói-se uma crítica aos regimes de verdade que moldam a percepção dos corpos neurodivergentes.

FIGURA 1 – Da semiótica ao TEA: Autismo ontem e hoje, Brasil, 2025.



Fonte: OpenAI[4], 2025.

No plano referente ao passado, representado com tonalidades sépia, observa-se a figuração de personagens anônimos enclausurados em um espaço institucional identificado como “MANICÔMIO”. Os corpos são esquematizados e despersonalizados, posicionados atrás de grades e rotulados com o signo “RETARDADO(A)”. Tais escolhas visuais não apenas remetem à lógica manicomial, como também performatizam a violência epistêmica sofrida por sujeitos autistas em períodos anteriores ao reconhecimento clínico e social do TEA. A linguagem visual opera aqui como índice de exclusão, de apagamento subjetivo e de patologização sistemática da neurodivergência — o que Orlandi (1999) conceituaria como um “efeito de silêncio” imposto pela hegemonia do discurso psiquiátrico.

No plano “HOJE”, em contraposição, o cenário é visualmente mais claro, dominado por tons frios e contemporâneos. Um único personagem, com feições sarcásticas, profere a frase: “HOJE EM DIA TUDO É AUTISMO”. A enunciação, tipografada em caixa alta e realçada por um balão de fala proeminente, atua como síntese dos discursos de banalização diagnóstica e ceticismo que permeiam o imaginário social atual. Nesse caso, o sujeito enunciador assume a posição de actante da negação (BARROS, 2022), desautorizando a legitimidade do diagnóstico por meio de um parecer que se impõe sobre o ser.

Tal construção imagética permite a aplicação do quadrado semiótico da veridicção. No plano do passado, tem-se o **ser sem parecer**: pessoas autistas existiam, mas eram tomadas como portadoras de deficiência intelectual, condição que impunha o parecer da loucura. Já no plano atual, há o **parecer sem ser**: a multiplicidade de diagnósticos e a ampliação da compreensão sobre o espectro geram discursos que reduzem o autismo a um modismo, deslegitimando o ser real dos sujeitos diagnosticados. A imagem, portanto, opera como uma crítica às mutações dos regimes de verdade, revelando que as formas de violência simbólica mudam de natureza, mas não cessam.

Do ponto de vista composicional, a charge apresenta uma sintaxe visual que reforça essa crítica. A linha vertical que separa os dois quadros funciona como marcador gráfico de descontinuidade histórica, ao mesmo tempo em que denuncia a ausência de diálogo entre as temporalidades. A disposição dos elementos visuais no quadro “ANTES” segue uma diagonal descendente (das grades ao rótulo “RETARDADO(A)”), indicando uma trajetória de opressão institucionalizada. No quadro “HOJE”, o balão de fala ocupa posição central e horizontal, sugerindo estagnação e normalização

discursiva da violência simbólica. Como observa Santaella (2001), a organização espacial das imagens visuais é fundamental para a produção de sentido e para a articulação dos valores ideológicos que nelas se inscrevem.

Ademais, a articulação dialógica entre as vozes implícitas na charge é central para sua interpretação. A voz explícita — irônica, atual e descrente — reverbera discursos sociais que minimizam o autismo como identidade legítima. Já a voz muda, do passado, opera como um contra-discurso histórico (FOUCAULT, 1996), que denuncia retroativamente os efeitos da exclusão institucional. A imagem do manicômio, embora silenciosa, desestabiliza a ironia do presente ao expor as marcas da ignorância e da violência pretéritas. O que se tem, assim, é uma imagem que tensiona valores, historiciza discursos e torna visível a instabilidade do que se toma como “verdade” em diferentes épocas.

Por fim, destaca-se que a escolha por uma charge — tradicionalmente ligada ao humor e à crítica social — acentua o caráter político da enunciação. Ao conjugar humor ácido e memória social, a composição transforma-se em dispositivo de denúncia e de reconstrução discursiva. A imagem atua como performance visual de veridicção, desnaturalizando tanto os estigmas do passado quanto as formas sutis de deslegitimação do presente.

4. Conclusões finais

A análise semiótica da charge evidencia que o autismo é construído, percebido e tratado dentro de regimes de verdade historicamente mutáveis. A imagem, produzida com auxílio de IA, revela-se uma ferramenta potente de crítica social ao expor as distorções discursivas que afetam pessoas neurodivergentes.

Conclui-se que a charge não apenas denuncia injustiças do passado, mas desestabiliza discursos contemporâneos que minimizam ou zombam dos diagnósticos atuais. O estudo revela que a imagem performa um discurso político, e que o humor visual pode ser um meio estratégico de engajamento crítico. Abre-se, assim, um

caminho para investigações futuras sobre a articulação entre artefatos visuais, IA e disputas discursivas.

Referências:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima, Diana Luz Pessoa de Barros. São Paulo: Contexto, 2008

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Santaella, L. (2021). As artes em tecnologias emergentes. In P. Gobira, & R. N. Bernal. (Orgs.). *Relações entre arte, ciência e tecnologia: tendências criativas contemporâneas* (pp. 57-76). Belo Horizonte: UEMG.